

Macri para Bolsonaro: eu sou você amanhã

Fernando de Holanda Barbosa

Professor da EPGE Escola Brasileira de Economia e Finanças (FGV EPGE)

O efeito Orloff, nome de uma vodca, tornou-se popular na segunda metade da década de 80 para designar a “importação” pelo Brasil das políticas heterodoxas da Argentina. Eu sou você amanhã é o efeito Orloff. O título deste artigo seria uma mensagem do Macri avisando Bolsonaro de que ele poderá ser vítima do efeito Orloff.

Macri foi eleito presidente da Argentina em 2015, tomou posse em dezembro daquele ano e, segundo as pesquisas de opinião, será triturado nas eleições presidenciais deste mês, com a volta do peronismo ao poder, a ex-presidente Cristina Kirchner na vice-presidência e um Kirchner, sem parentesco com a mesma, na cabeça de chapa.

Macri, quando eleito, representou uma mudança de rumo num país que nos últimos cem anos somente anda para trás. No início do século passado era um dos países mais ricos do mundo. Hoje anda no pelotão dos países emergentes, o novo jargão para países subdesenvolvidos, e sempre mal das pernas. O país é rico em patologias: inflação crônica, hiperinflação e crises

das dívidas, pública e externa. Mas não somente em patologias, é também um dos maiores laboratórios de políticas econômicas do planeta. Todas já foram (parcialmente) tentadas e deram errado. Mas tem o seu lado bom: a carne, o vinho e o tango. E nunca apanhou de sete a um da Alemanha no futebol.

Afinal de contas o que deu errado com Macri? Quando assumiu a presidência, a Argentina estava num regime de inflação crônica. A taxa de inflação no período 2011-2013 teve uma média próxima de 25% ao ano e em 2014 alcançou 40%. O instituto de estatística daquele país não reportava os verdadeiros índices de inflação, manipulados por ordem da Presidência da República. No regime de inflação crônica o Banco Central financia o déficit público, o que significa dizer que havia um problema fiscal. Os preços administrados, como a energia elétrica, estavam desalinados, com forte subsídio. A taxa de câmbio no mercado negro tinha um ágio de mais de 30%. Esses dados revelam a patologia típica de um regime econômico populista.

Mudar este regime não é uma tarefa fácil, nem tampouco indolor.

Macri optou por uma estratégia gradualista, tanto no ajuste fiscal quanto no combate à inflação. A justificativa para esta opção foi política, pois a estratégia de tratamento de choque poderia ser identificada com políticas de partidos de direita. Alegava-se, também, que não seria difícil financiar o déficit público por alguns anos.

O Banco Central argentino adotou um sistema de metas de inflação que tinha como objetivo chegar a uma inflação de um dígito no final do mandato. Todavia, em 2016 o déficit primário ao invés de diminuir aumentou, e em 2017 ainda estava maior do que em 2015. A taxa de inflação em 2017 foi 25,7%, o dobro da estabelecida no programa de metas, de 12,5%. A Argentina continuou no regime de inflação crônica, com o problema fiscal não resolvido. Por que Macri fracassou? Porque não solucionou o problema fiscal, e mesmo a estratégia gradualista não foi implementada.

O Brasil, diferente da Argentina, não tem um regime de inflação crô-

nica, nem mercado negro de câmbio, nem tampouco manipulação na produção de estatísticas. O Brasil tem uma crise fiscal com o déficit público financiado por aumento da dívida pública. Como na Argentina a política de ajuste fiscal tem sido gradual, com a estratégia desenhada por Meirelles no governo Temer e seguida por Guedes no governo Bolsonaro. Esta estratégia consiste em atacar o problema estrutural do crescimento dos gastos do governo, com as emendas constitucionais do teto dos gastos e da reforma da Previdência. A retomada da economia ficou em segundo plano, exceto pela política monetária expansionista do Banco Central.

No curto prazo a redução dos gastos públicos é uma tarefa quase impossível, seja politicamente seja por impedimentos legais que não têm aprovação no Supremo Tribu-

A Argentina continuou no regime de inflação crônica, com o problema fiscal não resolvido por Macri que também não implementou uma estratégia gradualista

nal Federal. A realidade impõe uma estratégia gradual para redução dos gastos públicos.

O Brasil há muito tempo tem uma carga tributária inferior ao tamanho do governo, medido pela participa-

ção dos gastos no produto interno bruto. Como no curto prazo não dá para reduzir os gastos só há um caminho: o aumento da carga tributária. Esta opção encontra forte oposição de setores importantes da sociedade brasileira que se negam a enxergar o óbvio, como diria Nelson Rodrigues. A alternativa é aumentar a dívida pública, ir empurrando com a barriga, esperando que Deus seja brasileiro e que nenhum evento provoque uma crise da dívida pública, com a debandada dos investidores dos títulos públicos.

Desde a Grande Recessão de 2014-2016 a taxa de desemprego está elevada, em torno de 12%, e a economia, estagnada. A política econômica tem que ser criativa e encontrar mecanismos que coloquem a economia no pleno emprego. Caso contrário, teremos novamente o efeito Orloff. ▣